

AS FAKE NEWS E AS “ANOMALIAS”

Diana Luz Pessoa de Barros¹
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Universidade de São Paulo
CNPq

RESUMO

O artigo trata dos discursos mentirosos, com os objetivos de examinar sua organização discursiva e os diálogos que mantém com outros textos, propor estratégias de desmascaramento das *fake news* e mostrar o papel dos estudos discursivos na produção de conhecimento sobre a verdade e a mentira nos discursos. A perspectiva teórica é a da semiótica discursiva e o material analisado foi obtido, sobretudo, nas redes sociais. O texto organiza-se em três partes: a primeira, sobre questões teóricas e metodológicas para explicar e desvendar a mentira; a segunda, sobre as estratégias de construção dos discursos mentirosos; a terceira, sobre algumas aproximações entre os discursos mentirosos e os discursos poéticos.

Palavras-chave: *Fake news*. Anomalias. Adesão emocional e sensorial. Desmascaramento da mentira. Discurso mentiroso e discurso poético.

La Fontaine, na fábula “Le dépositaire infidèle”², trata da questão da mentira e diz, no texto:

¹ Endereço eletrônico: diabaluz@usp.br; dianaluz@mackenzie.br

² **Le Dépositaire Infidèle**

Grâce aux Filles de Mémoire,
J'ai chanté des animaux.
Peut-être d'autres héros
M'auraient acquis moins de gloire.
Le loup, en langue des Dieux
Parle au Chien dans mes ouvrages.
Les Bêtes, à qui mieux mieux,
Y font divers personnages ;
Les uns fous, les autres sages ;
De telle sorte pourtant
Que les fous vont l'emportant ;
La mesure en est plus pleine.
Je mets aussi sur la scène
Des Trompeurs, des Scélérats,
Des Tyrans et des Ingrats,
Mainte imprudente Pécore,
Force Sots, force Flatteurs ;
Je pourrais y joindre encore
Des légions de menteurs.
Tout homme ment, dit le Sage.
S'il n'y mettait seulement
Que les gens du bas étage,
On pourrait aucunement
Souffrir ce défaut aux hommes ;
Mais que tous tant que nous sommes
Nous mentionnons, grand et petit,
Si quelque autre l'avait dit,
Je soutiendrais le contraire.
Et même qui mentirait
Comme Ésope et comme Homère,
Un vrai menteur ne serait .
Le doux charme de maint songe
Par leur bel art inventé,
Sous les habits du mensonge
Nous offre la vérité.
L'un et l'autre a fait un livre

Voici le fait. Un trafiquant de Perse,
Chez son voisin, s'en allant en commerce,
Mit en dépôt un cent (6) de fer un jour.
Mon fer, dit-il, quand il fut de retour.
Votre fer ? Il n'est plus : J'ai regret de vous dire
Qu'un rat l'a mangé tout entier.
J'en ai grondé mes gens (7) ; mais qu'y faire ? Un grenier
A toujours quelque trou. Le trafiquant admire
Un tel prodige, et feint de le croire pourtant.
Au bout de quelques jours, il détourne l'enfant
Du perfide voisin ; puis à souper convie
Le père, qui s'excuse, et lui dit en pleurant :
Dispensez-moi, je vous supplie ;
Tous plaisirs pour moi sont perdus.
J'aimais un fils plus que ma vie ;
Je n'ai que lui ; que dis-je ? hélas ! je ne l'ai plus.
On me l'a dérobé. Plaignez mon infortune.
Le Marchand repartit : Hier au soir, sur la brune,
Un Chat-huant s'en vint votre fils enlever.
Vers un vieux bâtiment je le lui vis porter.
Le père dit : Comment voulez-vous que je croie
Qu'un hibou pût jamais emporter cette proie ?
Mon fils en un besoin eût pris le Chat-huant.
Je ne vous dirai point, reprit l'autre, comment,
Mais enfin je l'ai vu, vu de mes yeux, vous dis-je,
Et ne vois rien qui vous oblige
D'en douter un moment après ce que je dis.
Faut-il que vous trouviez étrange
Que les chats-huants d'un pays
Où le quintal de fer par un seul rat se mange,
Enlèvent un garçon pesant un demi-cent ?
L'autre vit où tendait cette feinte aventure.
Il rendit le fer au Marchand,
Qui lui rendit sa géniture.
Même dispute avint entre deux voyageurs.
L'un d'eux était de ces conteurs
Qui n'ont jamais rien vu qu'avec un microscope.
Tout est géant chez eux : Écoutez-les, l'Europe,
Comme l'Afrique aura des monstres à foison.

Mais mentir comme sut faire
Um certain dépositaire
Payé par son propre mot,
Est d'un méchant, et d'un sot

Como estudiosos dos discursos, podemos e devemos “pegar os mentirosos por suas próprias palavras”, ou seja, desmontando discursivamente a mentira das notícias falsas ou *fake news* ou de outros tipos de textos.

Neste artigo tratamos de questões de verdade e mentira no quadro das pesquisas que vimos desenvolvendo sobre os discursos preconceituosos e intolerantes, dando, assim, continuidade a nossos estudos sobre a relação entre linguagem, discurso e sociedade e, principalmente, sobre a função dos estudos discursivos, e semióticos, em particular, no desenvolvimento de saberes sobre a sociedade. Cabe aos estudiosos da linguagem a produção desse conhecimento. As pesquisas estão assentadas, do ponto de vista teórico e metodológico, na semiótica de perspectiva francesa.

O que vamos expor aqui sobre o papel dos estudos da linguagem e do discurso na produção de conhecimento sobre a verdade e a mentira nos discursos em geral e na internet, em particular está, em boa parte em diferentes textos que já publicamos, e, principalmente, em dois artigos, um que apareceu no último número da revista Estudos Semióticos da USP (BARROS, 2019) outro, no prelo, em livro do projeto NURC. O objetivo aqui é, assim, organizar, de modo sucinto, nossas reflexões esparsas sobre a questão e aprofundar as considerações feitas sobre a organização discursiva dos discursos mentirosos que, ao mesmo tempo, nos permitiu propor estratégias de desmascaramento desses discursos.

O material analisado em boa parte da pesquisa que embasa esta síntese provisória de resultados e sua discussão foi obtido, principalmente, nas redes sociais. Como os procedimentos usados na internet para produzir discursos somam estratégias próprias da fala com as específicas

Que je tiens digne de vivre
Sans fin, et plus, s'il se peut :
Comme eux ne ment pas qui veut.
Mais mentir comme sut faire
Un certain dépositaire
Payé par son propre mot,
Est d'un méchant, et d'un sot.

Celui-ci se croyait l'hyperbole permise.
J'ai vu, dit-il, un chou plus grand qu'une maison.
Et moi, dit l'autre, un pot aussi grand qu'une église.
Le premier se moquant, l'autre reprit : Tout doux ;
On le fit pour cuire vos choux.
L'homme au pot fut plaisant ; l'homme au fer fut habile.
Quand l'absurde est outré, l'on lui fait trop d'honneur
De vouloir par raison combattre son erreur ;
Enchérir est plus court, sans s'échauffer la bile

(La Fontaine, *Fables choisies*. Paris, Éd. Garnier-Frères, 1962, p. 243-245)

da escrita e usam ainda recursos do verbal e do visual, há exacerbação tônica e grande alcance desses discursos em relação à intolerância e à mentira.

Organizamos o artigo em três partes: a primeira, sobre questões teóricas e metodológicas para explicar e desvendar a mentira; a segunda, sobre as estratégias de construção dos discursos mentirosos e de desmascaramento da mentira; a terceira, sobre algumas aproximações entre os discursos mentirosos e os discursos poéticos.

Questões teóricas e metodológicas para explicar e desvendar a mentira

A semiótica discursiva tem tratado das questões da verdade dos discursos com os estudos da modalização veridictória, sobretudo. Na veridicção, as relações modais entre o ser e o parecer determinam os discursos como verdadeiros (que parecem e são), mentirosos (que parecem, mas não são), secretos (que não parecem, mas são) ou falsos (que não parecem e não são). O destinador do discurso, em seu projeto enunciativo, escolhe um regime de veridicção e procura fazer seu destinatário interpretar o discurso segundo o contrato veridictório proposto e nele acreditar ou não. O destinatário, por sua vez, interpreta-o a partir de seus conhecimentos, crenças e emoções e da capacidade de persuasão do destinador. Quando a interpretação se baseia, sobretudo ou apenas, nas crenças e emoções do destinatário interpretante, os discursos mentirosos são entendidos como verdadeiros. Em outras palavras, por mais absurdos que pareçam, os discursos cujos valores estão de acordo com as crenças e sentimentos do destinatário são por ele considerados verdadeiros. É o chamado viés de confirmação, tendência de as pessoas acreditarem nas informações que apoiam suas visões e valores, e desconsiderarem as que dizem o contrário.

Para a construção e a boa aceitação das notícias falsas, dois são os objetivos principais do destinador do texto: ganhar a confiança do destinatário e, sobretudo, promover o ajustamento emocional e sensorial entre eles.

Para obter a confiança do destinatário e construir uma relação de credibilidade, três estratégias são fundamentais nas *fake news*, e em quase todos os tipos de discurso:

- escalonamento da verdade à falsidade: para produzir credibilidade, o destinador divulga, de início, notícias comprovadamente verdadeiras e que já promovam aproximação emocional e sensorial e credibilidade; em seguida, expõe notícias falsas, com estratégias que as façam parecer verdadeiras; e depois disso pode publicar notícias claramente falsas, mas que o

destinatário, já inserido nesse quadro de crenças e valores e já envolvido pelas emoções e sensações desse tipo de discurso, vai interpretar como verdadeiras e nelas acreditar; isso ocorreu, por exemplo, com a *fake news* da Ferrari de Ouro, que foi usada tanto contra Lula, quanto contra Maduro: a imagem de uma Ferrari de Ouro foi ligada ao filho de Lula, que estaria com ela no Uruguai e, na versão mais atual, em Dubai, e ao filho da mulher de Maduro, em postagem na Venezuela; a Ferrari, cuja imagem faz parte do mundo da fantasia e da ostentação, pertence a um milionário árabe e estava, na verdade, na frente do Hotel Paris, em Mônaco; graças ao quadro de crenças e valores construídos, milhões de pessoas acreditaram nessa fantasia;

- ancoragem de ator, tempo e espaço - as notícias são ancoradas, por meio, sobretudo, dos recursos de figurativização, em atores, lugares e datas que os destinatários reconhecem como existentes e que produzem, assim, efeitos de realidade e também de autoridade (argumento de autoridade); muitas notícias falsas são, por isso mesmo, ancoradas em artistas, cientistas e outras figuras públicas; um outro exemplo, no caso sobretudo de ancoragem espacial, é o da *fake news* sobre uma enorme fazenda atribuída a Lula: aparecem o número da estrada (BR 153), o estado de Tocantins, a cidade de Barrolândia, o nome da fazenda;

- emprego das pessoas do discurso – são usadas tanto a primeira pessoa (e a segunda pessoa), para produzir o efeito de aproximação emocional e sensorial entre o destinador, que viu, viveu e sentiu o que está contando, e o destinatário, quanto a terceira pessoa, para produzir a ilusão de isenção do destinador, para criar confiança; o texto falado no vídeo da *fake news* sobre a fazenda atribuída a Lula, por exemplo, está em primeira pessoa (“Pessoal, estou aqui no estado de Tocantins às margens da BR-153. Uma fazenda muito bonita. [...] Nós paramos aqui parar fazer um almocinho porque fica todo mundo pelejando pra vida e não tem dinheiro nem pra comer no restaurante.”); a primeira e a segunda pessoa são empregadas bastante também nos encaminhamentos dos vídeos e imagens das *fake news*, para criar cumplicidade com o destinatário e incitá-lo, explicitamente, a participar de manifestações e a indignar-se e agir contra as pessoas e instituições desqualificadas nessas notícias.

Se os procedimentos de criação de credibilidade e confiança são os mesmos, em geral, nos diferentes tipos de texto, para construir discursos que propiciam ou facilitam uma interpretação mais emocional e sensorial, como as notícias falsas, são usados procedimentos discursivos, textuais e intertextuais mais específicos. Por essa razão, temos proposto que a partir do exame dessas estratégias, com base em teorias da linguagem e do discurso, no nosso caso, a semiótica discursiva, pode ser desvendada a organização dos discursos mentirosos e

desmascarada a mentira. Em outras palavras, podemos desmascarar as *fake news*, a partir do exame dos próprios textos das notícias falsas, e equilibrar, assim, a interpretação sensorial e emocional proposta pelo destinador dessas notícias com uma interpretação mais racional. Essa interpretação mais “racional” deve ser fundamentada em dois pontos: na análise da organização linguístico-discursiva dos textos, que revelam, de alguma forma, as determinações sócio-históricas inconscientes (ver FIORIN, 1988a, 1988b); no exame das relações intertextuais que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam (ver DISCINI, 2002, 2003).

Propomos, portanto, dois grupos de procedimentos para a construção e, também, para o desmascaramento da mentira em discursos das redes sociais: apontar os diálogos que o discurso ou o texto em exame mantêm com outros textos e discursos; examinar a organização discursiva e textual do texto em análise e verificar os mecanismos usados. Os dois tipos de procedimentos apontam contradições, incoerências, rupturas, anomalias e podem ser usados nas *fake news* de quaisquer tipos.

Estratégias de construção dos discursos mentirosos e de desmascaramento da mentira

Neste item, desenvolvemos um pouco mais a reflexão sobre os dois procedimentos propostos, principalmente, sobre a questão das contradições, incoerências, rupturas e anomalias nas *fake news*, e exemplificamos as diferentes estratégias.

Diálogos com outros textos e discursos

O dialogismo, definidor de qualquer texto, aparece, em geral, de forma explícita nas *fake news* e permite determinar com que textos elas dialogam polêmica e contratualmente. Trata-se, em geral, de procedimento de intertextualidade mostrada e que pode ser reestabelecida a partir do próprio texto em exame. Em outras palavras, devemos recuperar os diálogos que o texto em estudo mantêm com outros e verificar que textos são citados ou retomados na *fake news* e/ou se ela é parte de outros textos e quais são eles.

Os tipos de textos com que o texto em análise dialoga variam conforme mudem os temas das *fake news*. No caso das *fake news* da saúde, por exemplo, os diálogos são estabelecidos, sobretudo, com textos de cientistas, médicos, pesquisadores diversos da área.

Os sentidos de um texto se constroem dialogicamente, ou seja, pelas relações com outros textos. No caso das notícias falsas, os diálogos apontam incoerências e contradições entre essas vozes. Indicamos e exemplificamos, a seguir, várias dessas polêmicas:

a) com discursos de especialistas da área temática da *fake news*, que desmentem o que nela está dito, apontando seus erros e inconsistências; um exemplo é o de um vídeo em que Jorge Gustavo, “químico autodidata”, **afirma, categoricamente, que passar álcool em gel nas mãos não só não é eficaz na prevenção de infecções por vírus e bactérias, como favorece a transmissão de doenças como a Covid-19, e propõe, em seu lugar, o vinagre, usando argumentos, aparentemente, científicos**; quando colocamos esse texto para dialogar com os textos da Química, verificamos que os estudiosos da área desmentem o que nele é dito sobre o álcool gel e afirmam que o vinagre não mata o vírus; a intertextualidade indica que o texto do vídeo não se sustenta na área da Química, pois se contrapõe, com erros técnicos e conceituais e sem apresentar evidências científicas, ao conhecimento científico já adquirido sobre a questão;

b) com textos explicitamente citados na *fake news*, para verificar se a menção é correta e que, em geral, mostram anomalias ou incorreções na citação; o exemplo selecionado é o de *fake news* que diz que a “mortalidade do covid na Itália foi falsificada”, foi aumentada, conforme mostra um “estudo de Oxford”, que faz o papel de argumento de autoridade; o estudo de Oxford, na verdade, não fala que a mortalidade foi falsificada, ele diz que a metodologia na Itália foi a de considerar mortos pelo coronavírus todos aqueles cujos testes da doença foram positivos, independentemente das doenças prévias dos pacientes, e que, se fosse adotada outra metodologia (a de excluir os que, mesmo com covid-19, já tivessem outras doenças) o resultado seria diferente; essa *fake news* procura, com a voz de Oxford, reforçar a opinião tantas vezes externada pelo presidente Bolsonaro de que há exagero e histeria no tratamento de uma doença que não passa de uma “gripezinha”;

c) com textos da e sobre pessoa mencionada na *fake news*, para verificar se a pessoa disse mesmo o que lhe foi atribuído, se a composição e/ou o estilo e/ou os valores do texto, disseminados nos temas e figuras e que indicam a classe, a camada social, o grupo de que o enunciador do texto faz parte, são realmente os seus; o poeta Carlos Drummond de Andrade é uma das vítimas frequentes dessa estratégia; a ele foi recentemente atribuído texto tosco e mal elaborado sobre a ditadura no Brasil, em que, independentemente da questão temática e figurativa, a composição e o estilo do texto não são os do poeta; outro bom exemplo é o de *fake*

news que toma o professor Adib Jatene, pioneiro da cirurgia cardíaca no Brasil, ex-secretário estadual da saúde e ex-ministro da saúde, como argumento de autoridade e atribui a ele vídeo gravado na Câmara dos Deputados, em 25 de março de 2020, com a legenda “Este é o Dr Adib Jatene maior infectologista. E aí metem o pau no presidente imbecis”; nesse vídeo, Adib Jatene minimizaria a pandemia e criticaria o isolamento social, dizendo que “A economia vai quebrar e causará mais danos que a pandemia”; as mentiras da notícia são facilmente desmascaradas com o diálogo com outros textos, no caso uma biografia e textos do médico e outras imagens da Câmara, que permitem saber que Adib Jatene era reconhecido cardiologista, e não infectologista, como diz a notícia falsa, que faleceu em 2014, não podendo estar na Câmara em março de 2020, que a imagem é do deputado federal Osmar Terra (MDB-RS), e que, segundo os textos de Adib Jatene, os valores da fala que lhe é atribuída, não são os seus;

d) com textos assinados, que têm origem comprovada e alguém que assume a responsabilidade por eles e que se contrapõem à *fake news*, desmascarando-a; o exemplo escolhido foi o de uma *fake news*, que traz a foto de uma mulher cercada por vários homens, imobilizada por uma chave de braço de um deles, com a legenda “petista visivelmente alterada invade manifestação contra o STF, parte para cima de um idoso com um objeto pontiagudo na mão e depois de imobilizada, tenta perfurar a si mesma para incriminar o idoso”; o caráter mentiroso da mensagem, anônima e divulgada no *WhatsApp*, pode ser detectado quando ela é comparada com a mesma foto que foi publicada, com as indicações do responsável pela notícia, na primeira página da *Folha de S. Paulo*, no dia 8 de abril de 2019, no dia seguinte ao acontecimento, com outra legenda “Confusão entre apoiadores e críticos de Lula marca atos em São Paulo. Mulher é cercada e agredida por homens contrários a Lula; avenida Paulista foi palco de ato em defesa do ex-presidente, cuja prisão completou um ano, e de manifestação para apoiar a Operação Lava Jato e a condenação do petista.” (Jardiel Carvalho/Folhapress);

e) com outros textos do enunciador ou narrador da *fake news*, nos poucos casos em que ela não é anônima, que estabelecem os valores desse sujeito, determinam sua inserção sócio-histórica e a parcialidade ou não de sua fala; para exemplificar retomamos a *fake news* sobre a falsificação do número de mortos na Itália, pois a notícia é assinada por Alessandro Loiola e traz ainda sua fotografia; nesse caso, foi possível colocar o texto analisado em diálogo com outros textos do mesmo enunciador e estabelecer os valores em jogo, que são valores de direita e de apoiador do presidente Bolsonaro, pois dois dos textos de Loiola, por exemplo, desenvolvem e valorizam temas da direita e atacam a esquerda: “O Covid e a luta do esquerdismo contra a vida” (“Historicamente, as ideologias à Esquerda do espectro político

foram responsáveis pelos maiores genocídios ao longo dos últimos 100 anos [...]. Recentemente, um novo tipo de Coronavírus (CoV) espalhado com o patrocínio do Partido Comunista Chinês causou um pandemônio no mundo inteiro.”); “Bolsonaro, a Cloroquina e a razão” (em que se aprova o uso da Cloroquina, defendido pelo presidente);

f) com o “mesmo” texto, mas em outro contexto temporal e/ou espacial: trata-se de procedimento de descontextualização do texto todo ou de parte dele, em que textos verbais e visuais são retirados de seu contexto e/ou são recontextualizados, como no caso de imagens com novas legendas ou de fotografias antigas, de outras ocasiões e momentos, republicadas como se tivessem sido tiradas no momento da nova publicação ou nos das descontextualizações de falas, que são interrompidas ou colocadas em outras situações, o que que lhes altera o sentido; um exemplo é o da *fake news* que traz uma foto em que deputados do PT estariam, no Congresso, movendo ação e fazendo manifestação contra o 13º salário do bolsa-família, concedido em abril de 2019, pelo presidente Jair Bolsonaro, com a legenda: “Eu vivi para ver o PT ser contra a população pobre. PT entra com uma ação para derrubar o decreto de Bolsonaro que permite que o pobre tenha acesso a um Décimo terceiro salário no programa bolsa família”; a fotografia é anterior a 2019, pois apareceu em tweet de 2 de agosto de 2017 do deputado federal Chico D'Angelo (PDT-RJ), em outra situação; isso é facilmente comprovado, por exemplo, pela presença na foto da *fake news* do deputado Wadih Damous, que não se reelegeu e que não faria parte, portanto, da bancada do PT no Congresso em 2019;

g) com o texto verbal ou visual de origem daquele que está na *fake news* e que nela sofreu alterações de diferentes tipos; o diálogo com o texto de origem mostra a contradição existente entre eles; um exemplo pode ser obtido com o mesmo texto da bancada do PT no Congresso: na *fake news*, de 2019, a mensagem do cartaz que Paulo Pimenta (PT-RS) segura diz “Digo não ao 13º salário do bolsa-família”; na foto original, de 2017, a mensagem era “Voto pelos 8 em 10 brasileiros que exigem a investigação [de Michel Temer]”; outro caso é o de Manuela d'Ávila, candidata a vice-presidente nas últimas eleições, que aparece em *fake news* com uma camiseta com os dizeres “Jesus é travesti”, quando o que estava escrito no texto original era “Rebele-se”.

Organização discursiva e textual do texto

As estratégias de ruptura do texto, de argumentação viciosa, de descompasso entre a legenda e a imagem ou de imposição de leitura a partir da legenda, entre outras “anomalias” da

organização discursiva e textual permitem, juntamente com os diálogos com outros textos, que desmascaremos a mentira. Em outras palavras, se o texto for mal elaborado, usar estratégias inadequadas, organizar-se de forma contraditória, não seguir o padrão do gênero ou o estilo de língua apropriado, apresentar problemas de argumentação e de concordância semântica, ele poderá ser “desmascarado” com base nos “desvios” e “erros” de sua composição interna ou de seu estilo e valores. Descrevemos e exemplificamos a seguir as principais estratégias empregadas:

a) vícios de argumentação, como o da conclusão impossível ou o da generalização indevida, entre outros; em *fake news*, com várias versões, que recomenda o chá de erva-doce para a prevenção e cura da covid-19, há, por exemplo, um problema ou vício de argumentação, o da conclusão indevida; o texto diz, explicitamente, que o Tamiflu cura a gripe H1N1 e que o medicamento é feito de erva-doce, logo o chá de erva-doce cura a H1N1; como, no entanto, o chá de erva-doce é recomendado, *na fake news*, para prevenção e tratamento da Covid-19, e não da H1N1, ocorre uma conclusão indevida; teria sido necessário mostrar que o Tamiflu, além de ser eficaz na cura da H1N1, é eficiente no tratamento da Covid-19;

b) ruptura e mudança semântica incoerente (“fuga do tema”); os textos seguem uma linha de leitura estabelecida e mantida pela reiteração de temas e/ou figuras, que asseguram sua coerência temática e figurativa; a ruptura dessa coerência e a mudança inesperada de tema e/ou de figura produzem o efeito de uma anomalia e causam estranheza; é o que acontece na segunda parte do vídeo, já mencionado, de Jorge Gustavo, “químico autodidata”; na primeira metade do texto mantém-se a leitura aparentemente “científica” no quadro da Química sobre **o álcool em gel e o vinagre, na segunda parte, o enunciador rompe esse percurso temático e figurativo e muda** de tema ou de assunto, de forma problemática, quando diz que o álcool em gel não deve ser usado para não dar lucro para a rede Globo e os jornais; essa fuga do tema causa estranheza no vídeo e mostra seu caráter mentiroso;

c) a transformação, inusitada, de tempos lineares em concomitantes, de espaços distantes em mesmos lugares e de atores diferentes em sujeitos idênticos, por meio da programação textual; um exemplo claro é o de uma *fake news* em que são mostrados, em vídeo, quatro momentos em que chinesas, segundo as legendas que acompanham as imagens, procuram disseminar o coronavírus pelo mundo: na primeira parte, é explicado que uma chinesa cuspiu em frutas, em um mercado na Austrália, foi presa, testada e estava com covid-19; na segunda, as legendas informam que outra chinesa estava cuspiando e jogando água contaminada em um corredor cheio

de gente, na Itália; na terceira, diz-se que uma chinesa, com a doença, estava cuspidando nos botões de um elevador; e na quarta, que mais uma chinesa espalhava o coronavírus com um lenço contaminado, em um banco de praça, no Canadá; o enunciador da notícia falsa, anônimo, juntou cinco trechos de vídeos diferentes em um único: na parte da chinesa que cospe nas frutas, é presa e testa positivo para o coronavírus, foram juntados dois vídeos distintos, com atores diferentes, pois a mulher que parece cuspir nas frutas não é a mesma que está sendo abordada pela polícia, já que suas roupas são completamente diferentes, embora a legenda diga que a prisão ocorreu apenas “minutos depois”; o vídeo da chinesa que cospe nos botões do elevador foi gravado em Chongqing, na própria China, em fevereiro de 2020, e o do lenço contaminado, foi realmente registrado no Canadá, em Saint John, mas muito antes da epidemia por coronavírus, em qualquer parte do mundo, pois esse vídeo foi transmitido ao vivo em setembro de 2019; a *fake news* transformou, portanto, em um único texto acontecimentos ocorridos em espaços e tempos diferentes e com atores distintos, graças à aproximação espacial dos textos, possível pela complexidade entre a fala e a escrita e entre o verbal e o visual, na internet (BARROS, 2015); com esse recurso de programação textual, há uma ruptura da linearidade do tempo própria da fala e instala-se espacialmente, devido à visibilidade da escrita e das imagens, a concomitância de tempo e de espaços, distintos nos vídeos originais, e a identidade de atores, que são, na realidade, diferentes; essa estratégia é muito eficiente para aproximar narrativas que não tinham nenhuma relação e construir, no caso, a história de uma conspiração da China para espalhar, cuspidando, o vírus pelo mundo todo;

d) contradição entre a organização semântica do verbal e a do visual, em geral, com os descompassos entre a legenda e a imagem, em foto ou vídeo; pode-se exemplificar com a *fake news* já examinada da mulher em manifestação na Avenida Paulista, imobilizada por uma chave de braço; a fotografia foi, na notícia falsa, descontextualizada e recebeu uma livre interpretação verbal, mais condizente com os valores que o destinador quer comunicar do que com os temas e figuras da imagem apresentada: entre outros descompassos entre o verbal e o visual, observa-se que o verbal diz que a mulher “parte pra cima de um idoso”, quando na imagem é o idoso que vai para cima dela, e que o idoso é posto, no texto verbal, como mais frágil do que a mulher, mas a imagem mostra um homem forte e musculoso;

e) imposição de leitura a partir da legenda escrita ou em áudio; este caso está estreitamente relacionado ao anterior (d) e pode ser exemplificado com a *fake news* das “chinesas que cospem”, em que as legendas impõem leituras diferentes aos vídeos; outro exemplo é o de *fake news* sobre a pesquisa EPICOVID19-BR; nela, a principal estratégia é a utilização de um áudio

que não tem nenhuma relação com o vídeo e lhe atribui outra leitura, a de que os aplicativos da pesquisa, que aparecem no vídeo, são agentes infiltrados que estão contaminando o interior do Brasil para produzir mais mortes e, com isso, mostrar que o governo está errado ao dizer que a covid-19 mata pouco;

f) uso de procedimentos inadequados ao gênero, tipo de texto e destinatário a que se dirige; tomamos como exemplo o vídeo, já mencionado, sobre a fazenda atribuída a Lula em *fake news* divulgada no *WhatsApp*, em 2019; nesse vídeo, uma fala, em primeira pessoa, discorre, longamente, sobre uma fazenda fantástica, bem cuidada, maravilhosa, de terra boa, em estrada nova e asfaltada, em Tocantins e, no final, mostra a placa enorme, que diz: “Fazenda Nossa Senhora Aparecida, Prop. Lula e família, Barrolândia-TO”; há inadequação ao gênero, na colocação, em placa de identificação de propriedade, apenas do nome ou do apelido, sem sobrenome, do pretense proprietário.

Os mecanismos apresentados em 2.1 e 2.2, ao romperem com a continuidade e estabilidade do texto e do discurso, dão-lhe maior intensidade e, dessa forma, facilitam a aproximação sensorial e emocional com o destinatário, para que ele acredite na mentira assim elaborada. Ao mesmo tempo, são esses procedimentos que, bem examinados, permitem que desmascaremos os discursos mentirosos. Explicitaremos um pouco mais essas questões no item que segue.

Discursos mentirosos e discursos poéticos

Lendo um romance policial, intitulado *O tribunal das almas* (CARRISI, 2013), em que um dos investigadores é um penitenciário da *Penitentiaria Apostolica*, um dos três tribunais da Cúria Romana, chamaram-me a atenção algumas passagens que apresentam o reconhecimento de anomalias como estratégia de investigação de crimes, de descoberta da verdade:

O olhar de Clemente falava por si. Tinham chegado ao ponto. *Anomalias*. No fundo, era isso que buscavam. Minúsculos rasgos no tecido da normalidade. Pequenos tropeços na sequência lógica de uma investigação comum. Naquelas insignificantes imperfeições, frequentemente se escondia outra coisa. Uma passagem em direção a uma verdade diferente, inimaginável. A tarefa deles começava ali. (p.20).

Apontou a lanterna para os armários de parede da cozinha. Em cima de um deles estavam dispostos alguns livros de receitas [...] Mas entre aqueles volumes coloridos um livro preto chamava a atenção. Marcus aproximou-se, inclinando a cabeça para ler seu título. Era uma Bíblia. *Anomalias*, pensou. (p.70).

O método de investigação apoia-se na descoberta de “anomalias”, de “rasgos no tecido da normalidade”, de “tropeços na sequência lógica”, de “imperfeições”, de detalhe que “chama a atenção”, tal como apontamos nos textos das *fake news*. Se o investigador com isso descobre uma “verdade diferente”, nós desvendamos a “mentira”. É igualmente um problema de veridicção.

Podemos concluir, portanto, que são os confrontos de vozes, os desarranjos, as rupturas, as anomalias nos diferentes níveis de organização discursiva e textual que nos permitem mostrar com se constroem as notícias falsas e desmascará-las. As estratégias que apontamos são procedimentos tanto do plano do conteúdo dos textos, quanto do da expressão, e envolvem os diferentes níveis de análise dos textos e discursos. Assim, as anomalias na relação entre expressão e conteúdo, entre verbal e visual, entre a sonoridade e a visibilidade dos textos relacionam-se ao plano da expressão, os desarranjos narrativos, as rupturas entre vozes ou na organização argumentativa, temática ou figurativa dos discursos, estão ligadas ao plano de conteúdo dos textos. Não detalharemos neste artigo essas relações.

Esses “rasgos na normalidade” produzem efeitos de tonicidade nos textos e criam laços emocionais e sensoriais entre os sujeitos envolvidos na *fake news*. Mostram assim uma das razões principais que levam multidões a nelas acreditar, interpretando como verdadeiros discursos mentirosos. Temos insistido em que essas interpretações se fazem com base no projeto enunciativo, e veridictório, do enunciador e nos conhecimentos, crenças e emoções do enunciatário que interpreta. No caso das *fake news*, sobretudo nas crenças e emoções. O exame das estratégias de construção dessas notícias teve o objetivo de mostrar o projeto enunciativo posto em prática, com a finalidade de obtenção da adesão sensorial e emocional necessária para que a mentira dos textos seja interpretada como verdade. A intensidade tônica decorrente das anomalias e imperfeições engaja o destinatário pela emoção e pela sensorialidade. Daí o papel atualmente exercido pelas notícias falsas e a necessidade de desmascará-las pelo exame acurado de suas estratégias.

Renata Mancini, em estudo sobre a tradução e a adaptação intersemiótica (MANCINI, 2020), com base na Semiótica discursiva, mais especificamente na abordagem tensiva de Claude Zilberberg (2004, 2007, 2011), propõe:

Iniciamos nossa proposta afirmando que o que se traduz é o *projeto enunciativo*, esse “espírito” da obra de partida que molda suas características mais marcantes. Dele faz parte o que denominamos *arco tensivo*, um perfil sensível da obra, passível de ser modulado a partir do conjunto de estratégias

de textualização de que o enunciador se vale, com suas *cifras tensivas* subjacentes. (p.3).

A autora explica, em seguida, o que são “arco tensivo” e “cifra tensiva”, e como se constroem os “acentos” e os “inacentos”, que os definem, nessa perspectiva teórica:

O arco tensivo é o desenho da interface sensível de uma obra, um perfil que se constrói a partir da alternância entre momentos de impacto (mais fortes ou mais tênues) e momentos brandos (em graus de atonia), isto é, entre saliências (acentos) e “passâncias” (inacentos), que se alternam em ascendências e descendências de maior ou menor grau. Depreendido a partir das *cifras tensivas* dos elementos que constituem o projeto enunciativo, nossa proposta é a de que o arco tensivo seja uma baliza primordial do fazer tradutório. (p.9). A construção de acentos pode se dar, por exemplo, com a exacerbação de elementos passionais, com o jogo de imprevistos que causam susto ou estranhamento no leitor, com a construção de suspense. (p. 10).

Em suma, tudo aquilo que se apresenta subitamente, provocando estranheza, comoção, surpresa, susto, enquanto quebra de expectativa, cria acentos, se oferece pela intensidade, por um andamento acelerado, constrói saliências perceptivas (acentos) nos momentos de impacto. (p.13).

Sua proposta, voltada para o exame de outros objetos, a tradução e a adaptação, vem ao encontro do que temos proposto para o exame dos discursos na internet, que definimos pela complexidade, sobretudo entre fala e escrita, verbal e visual, público e privado, e para a análise e desmascaramento dos discursos mentirosos, tal com exposto neste artigo, e contribui para o desenvolvimento de nossas reflexões.

As *fake news* constroem seu arco tensivo a partir de cifras tensivas de impacto, definidas pelas saliências ou acentos que procuramos apontar nas estratégias de construção desse tipo de texto, e produzem com isso maior engajamento de seu destinatário.

Para concluir nossas considerações sobre as anomalias nas *fake news*, gostaríamos de dizer que os discursos poéticos, em sentido amplo (poesia ou prosa, verbal, visual ou musical) usam estratégias da mesma ordem das que encontramos nas *fake news* ou das que Mancini propõe para tratar da tradução e da adaptação. Rupturas e estranhamentos de diferentes tipos dão também intensidade tônica aos discursos poéticos e neles criam efeitos de sensorialidade e figuratividade estéticas. Retomamos a análise que fizemos (BARROS, 2004) da primeira estrofe do poema *Agulhas* de João Cabral de Melo Neto (1975, p. 22), em estudo sobre a figurativização:

Nas praias do Nordeste, tudo padece
com a ponta de finíssimas agulhas:
primeiro, com a das agulhas da luz

(ácidas para os olhos e a carne nua),
fundidas nesse metal azulado e duro
do céu dali, fundido em duralumínio
e amoladas na pedra de um mar duro,
de brilho peixe também duro, de zinco.
Depois, com a ponta das agulhas do ar,
vaporizadas no alíseo do mar cítrico,
desinfetante, fumigando agulhas tais
que lavam a areia do lixo e do vivo.

O poema desenvolve, entre outros, o tema da vida sofrida, difícil, de luta do homem do nordeste brasileiro, que enfrenta a seca, o sol, o calor, a falta de alimento, assunto frequente em João Cabral. Repetem-se, assim, os traços semânticos de sofrimento (“padece”, “ácidas para os olhos”, “carne nua”, “amoladas”, “fumigando”, “desinfetante”, “lavam do vivo”, etc) e de dificuldades (“metal duro do céu”, “mar duro”, “peixe duro”, “mar cítrico”, etc). Esse percurso temático, que costura, com as repetições, o texto todo, é recoberto por um percurso figurativo, o da praia, mar, sol, peixe, vento, areia, que faz uso de diferentes ordens sensoriais (tátil, visual e gustativa) em sinestesia. O sofrimento e as dificuldades são, portanto, figurativizados por traços semânticos sensoriais do mar, do sol, da areia e da praia:

- táteis: pontiagudo, fino, que fura (“finíssimas agulhas”, “ponta”, “amoladas”), duro (“metal duro”, “duralumínio”, “mar duro”, “peixe duro”);
- gustativos: ácido, que queima, que pica (“ácidas”, “cítrico”, “fumigando”);
- visuais: brilhante, ofuscante, que fere a vista (“agulhas da luz”, “ácidas para os olhos”, “metal azulado”, “duralumínio”, “brilho peixe”, “zinco”).

Assim concretizados sensorialmente, o sofrimento, a dor e as dificuldades ganham “corpo” e levam ao estabelecimento de relações também sensoriais entre o enunciador e o enunciatário. Ligam-se eles tátil, gustativa e visualmente, pois além de entenderem as dificuldades, sentem as dores do homem do Nordeste. As figuras com formas pontiagudas, acidez e ofuscamento investem comumente, em muitos textos, os temas da dor e do sofrimento do homem, mas não é usual esses traços figurativos comporem as figuras de praia, mar e areia do Nordeste brasileiro. Há, portanto, alguma coisa na relação entre figuras, traços figurativos e temas no poema que rompe com a normalidade, que aparece como uma anomalia e nele produz, com a tonicidade dessa ruptura, sentidos novos, outras direções, momentos de prazer estético. Duas estratégias principais foram usadas em *Agulhas* para produzir esse impacto, esse acento tônico: misturam-se as ordens sensoriais, criando efeitos de sinestesia entre o

pontiagudo, o ácido e o brilhante-ofuscante, ou seja, o gosto “queima ou pica”, o tato ofusca e é ácido, a visão é dura e ácida; quebra-se a leitura do senso-comum de belas e aconchegantes praias e instala-se, com a incongruência da relação entre a figura da praia e os traços figurativos pontiagudos, ácidos e ofuscantes, a da dor, a do sofrimento humano. A sinestesia e a relação inusitada entre tema, figura e traço figurativo criam o efeito estético da novidade, da criatividade, da anomalia, e dão prazer estético ao destinatário do texto.

Estamos convencidos de que as anomalias do texto das *fake news* também dão prazer a seu destinatário, pois, graças a elas, ele se engaja emocionalmente e de modo sensorial com o destinador e vê, com a mentira em que acredita, a confirmação de seus valores e sentimentos. A relação entre o texto poético e o mentiroso precisa ser ainda mais bem explorada.

La Fontaine (1962), na fábula “Le dépositaire infidèle”, já mencionada no início do artigo, trata da questão ao propor dois percursos temáticos da mentira. “Todo homem mente, diz o Sábio”, mas há duas formas diferentes de mentir, completa o fabulista, que se definem, veridictoriamente, como *mentira* e como *segredo*; mentir 1 é a mentira, isto é, o que parece mas não é, enquanto mentir 2 é o *segredo*, ou seja, o que é, embora não pareça; o mentir 1 caracteriza o “verdadeiro mentiroso” (verso 31), qualificado de malvado, perverso (“méchant”) e tolo (“sot”), e o mentir 2 aparece, no texto, como o fazer de Esopo e de Homero (“Sous les habits du mensonge, nous offre la vérité” - versos 34 e 35), ou seja, como o fazer do fabulista que, sob a máscara de uma historinha eufórica de animais, faz passar a verdade humana, disfórica, e, por catálise, qualifica-se como bom (“bon”) e divertido ou agradável (“plaisant”) e como sensato, sábio (“sage”), habilidoso e sagaz (“habile”). O fabulista é, assim, concebido como mediador entre o universo transcendente das musas e o universo imanente dos homens, um herói mítico, responsável pela circulação do saber, que desmascara a mentira, que sabe e diz a verdade e, além de tudo, sabe como dizê-la.

Para La Fontaine, em resumo, nos textos poéticos, o enunciador é responsável pela revelação do saber e da verdade e, nos textos mentirosos, ele é um perverso irresponsável. Os estudos sobre esses textos nos levam a acrescentar que o enunciador e o divulgador de *fake news* concorrem para que a ciência e a educação sejam desacreditadas, para que o pânico se instale na população, para que o medo e o ódio sejam fomentados, para que a xenofobia, o racismo e outras formas de discriminação em relação aos “diferentes” aumentem na sociedade, para que a violência cresça e para que muito mais gente morra com a covid-19 neste país devastado.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Figurativização e publicidade. *ALFA: Revista de Linguística*, vol. 48, p. 11-31, 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol.13, p. 13-31, 2015.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino/aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos (USP)*, vol. 15-2, p. 1-14, 2019.
- CARRISI, Donato. *O tribunal das almas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- DISCINI, Norma. *O Estilo nos Textos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988a.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988b.
- LA FONTAINE. *Fables choisies*. Paris, Éd. Garnier-Frères, p. 243-245, 1962.
- MANCINI, Renata. A tradução enquanto processo. *Revista Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41, nº esp., setembro 2020.
- MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: Eduardo Peñuela Cañizal; Kati Eliana Caetano (orgs.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.
- ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. *Galáxia*, vol. 13, p. 13-28, 2007.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

FAKE NEWS AND “ANOMALIES”

Abstract

This article focus on lying discourses and seeks to analyze its discursive organization and its dialogues with other texts. In doing so, the article proposes strategies to unmask fake news and shows the role of discursive studies in the production of knowledge about truth and lies in discourses. This work is based on discursive semiotics and the material analyzed was mainly obtained from social networks. The text is divided into three parts: the first one discusses theoretical and methodological issues in order to explain and unravel the lie; the second part analyzes the building strategies of lying speeches; the third part presents a comparison between lying and poetic discourses.

Keywords: Fake news. Anomalies. Emotional and sensory adhesion. Unmasking the lie. Lying discourse and poetic discourse.